

O MUSEU ETNOGRÁFICO DA COLÔNIA MACIEL E O SEU PAPEL NA VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA DA ETNIA ITALIANA

GEHRKE, Cristiano¹; CERQUEIRA, Fábio Vergara²

¹*Universidade Federal de Pelotas- e-mail: cristianogehrke@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – e-mail: fabiovergara@uol.com*

1. INTRODUÇÃO

A idéia deste trabalho é fazer uma análise sobre a forma como ocorreu o processo da valorização da memória dita coletiva e fazer uma análise de quais foram as motivações que levaram a comunidade moradora do 7º distrito da cidade de Pelotas, em doar seus acervos pessoais para compor o acervo do Museu Etnográfico da Colônia Maciel, bem como identificar o porquê da relevância de alguns objetos/fotografias, na construção desta identidade coletiva, na medida em que são reivindicados por diferentes atores sociais.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para isto, fez-se se necessário realizar um estudo em fontes bibliográficas que buscam a conceituação de memória social em seus mais diversos desdobramentos, bem como análises do acervo de história oral do Museu, consulta ao acervo fotográfico da referida instituição, além da realização de observações participantes e conversas informais com freqüentadores do Museu e vizinhos à instituição.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Museu Etnográfico da Colônia Maciel, tem sua origem no ano de 2000, quando foi desenvolvido na região, um projeto de pesquisa, que tinha como principal objetivo a “Recuperação e a preservação da memória histórica” do grupo de descendentes italianos mais representativo da região, e percebeu-se que tal grupo, tinha interesse em criar um espaço que mantivesse preservada a história da trajetória, que estava até então preservada nas lembranças do mais antigos moradores.

O fato que acontece na Colônia Maciel assemelha-se ao que Rosário trata em seu texto, quando a mesma afirma que na Grécia antiga, os poetas, considerados como uma espécie de intérpretes míticos, onde os mesmos, através de narrativas orais, irão ter o papel de re-atualizar aquilo que se passou na origem dos tempos, ou seja, serão os responsáveis pela propagação dos mitos de origem, da história dos deuses, etc... (ROSÁRIO, 2002).

Da mesma forma, os descendentes dos imigrantes italianos da Colônia Maciel são considerados os detentores do conhecimento da trajetória daquele grupo étnico. Os mesmos são sempre citados em conversas informais como aqueles que podem falar com mais propriedade sobre determinado assunto relacionado com a vinda e o estabelecimento dos imigrantes naquela região.

Desta forma, estes atores sociais, detentores do conhecimento, podem ser considerados o que Joel Candau chama de sócio-transmissores, os seja, aqueles

indivíduos que são responsáveis pela difusão do conhecimento relativo a comunidade em questão.

Mas, segundo Candau, as narrativas dos testemunhos de um mesmo acontecimento, divergem de um indivíduo para outro, pois os cérebros humanos são “como as impressões digitais”, ou seja, não existem no mundo duas iguais, além disso, a aprendizagem e a experiência acentuam ainda mais estas particularidades. Visando comprovar isto, Candau cita E. Leach, que afirma que “dois observadores não dividem jamais exatamente a mesma experiência” e complementa isso afirmando que sempre onde há registros, as batalhas memoriais tornam-se plausíveis e possíveis (CANDAU, 2004).

Exatamente neste ponto, que se configura um “conflito de memória”, conforme terminologia adotada por Joel Candau (CANDAU, 2004) ou o que Jean Chaumont chama de uma “concorrência de vitimas” (CHAUMONT, 2000).

Fato que pode ser, de certa forma percebido na Colônia Maciel, onde no momento em que eram realizadas as pesquisas para implantação do Museu Etnográfico, foram feitas uma série de coletas de depoimentos de várias famílias, bem como a recolha de objetos, fotografias, que estas famílias tinham interesse em doar ao Museu.

Neste momento, por diversas vezes foi possível identificar uma espécie de reivindicação memorial por parte destes entrevistados, quando, por exemplo, no caso da fotografia de um casal de senhores, identificados com o Cezar Schiavon e sua esposa, que foi doada ao Museu por duas famílias diferentes, uma das quais, mesmo não possuindo qualquer vínculo com os personagens retratados, buscou um grau de parentesco com os mesmos.

Sabe-se, através do confronto de fontes que este grau de parentesco não existe, mas devido ao interesse em ser um participante ativo do processo de construção da narrativa oficial da comunidade, fez com que uma das famílias tomasse como seu, um discurso que está presente na memória coletiva da comunidade.

Desta forma, mesmo ela não possuindo laços parentais com o casal apresentado na fotografia, ela se considera como tal, uma vez que os mesmos possuem em comum com sua “verdadeira” família a trajetória de abandono do seu país de origem em busca de uma vida melhor, bem como as adversidades vividas desde o momento de sua partida até os anos que se seguiram à sua instalação na região da Serra dos Tapes.

Outro fato que pode ser encarado com um conflito de memória é o que aconteceu no Museu, após a sua inauguração. Em virtude do pequeno espaço expositivo com qual o Museu conta, e do grande volume de peças doadas, foi necessário fazer uma triagem e uma seleção dos objetos mais representativos e em melhor estado de conservação, para que estes pudessem ser expostos.

Neste momento, houve uma série de críticas ao trabalho, uma vez que nem todos os doadores haviam sido contemplados com a exposição dos seus objetos. Visando minimizar conflitos, optou-se por uma proposta expográfica no Museu que contemplasse o maior número de doadores possível, desta forma, optou-se na proposta de um diálogo triangular entre as fontes, onde criou-se uma espécie de diálogo entre as fontes orais, as escritas, imagéticas e a cultura material.

Configura-se neste caso um conflito de memória, pois todas as famílias queriam ver-se contempladas com os objetos em exposição, e o simples fato de isto não ocorrer poderia ser entendido como uma espécie desvalorização da sua importância na comunidade.

Frente a estes fatos, percebeu-se que a criação de um espaço dedicado a pesquisa e difusão da trajetória histórica da imigração italiana na região, fez com que houvesse uma espécie de valorização da memória coletiva na região, pois através da criação deste espaço de guarda de objetos que remetem aos fundadores de tal núcleo, os diferentes atores sociais querem se ver como sujeitos da construção de tal memória, e isto, de acordo com o seu ponto de vista pode ser potencializado de diversas formas, dentre elas a cedência de depoimentos, a doação de objetos e fotografias para compor o acervo da instituição.

Além do desejo de se tornarem participantes ativos desta construção da narrativa oficial da comunidade, estes indivíduos passaram a valorizar o “ser italiano”, através de uma espécie de “resgate” de antigas tradições que até bem pouco tempo estavam esquecidas.

Como exemplo disto, cito a produção do vinho na região, que até finais da década de 1990 estava praticamente extinta, e a partir do momento em que teve início na região a realização de pesquisas que objetivavam a criação do Museu, a sua produção foi retomada. Hoje a Colônia Maciel conta com quatro adegas de grande porte, que produzem vinho destinado para comercialização, e inúmeras outras de pequeno porte, com produção destinada apenas para o consumo doméstico.

E em todas as adegas, há uma grande preocupação em deixar claro que o vinho é produzido da mesma forma como era produzido no século XIX, ou que o “costume” de sua produção teria sido aprendido com os seus antepassados. Na adega do Sr. João Bento, por exemplo, sempre que um turista visita o local, este é recebido pelo proprietário que após as boas-vindas, narra um pouco da sua trajetória familiar e em seguida mostra uma fotografia de seus avós, que teriam vindo da Itália, bem como o passaporte da família, que foi emoldurado, que acaba servindo como uma espécie de certificado da autenticidade de seu discurso.

Ou mesmo na adega do Sr. Jordão Camelato, onde, no local em que são comercializados os produtos que sua família produz, se encontram expostos objetos utilizados pelos seus avós na produção de vinho, ou seja, uma forma de mostrar ao visitante que a produção de vinho, é algo tradicional, e que acompanha a família a bastante tempo.

Além disso, percebeu-se esta “valorização da cultura tradicional italiana”, através de uma série de outras iniciativas na região, por exemplo, a revitalização da antiga cancha de bocha, a criação do “Festival de queijos e vinhos”, bem como a intenção de os diretores da principal escola¹ da região em introduzir o ensino da língua italiana no currículo da instituição.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se desta forma, que grande parte das iniciativas consideradas hoje como tradicionais, buscam uma identidade baseada em vários aspectos do passado, o que nos leva a crer, que grande parte dos rituais, mitos, enfim, outras formas de identificação que determinado grupo possui, tem sua origem em um passado remoto ou recente e que de certa forma pode ser considerada uma prática que tenha sido inventada, mas que é tida como tradicional.

¹ Trata-se da Escola Municipal de Ensino Fundamental Garibaldi. O professor responsável pelo projeto é o professor Eli Borges, coordenador pedagógico da instituição.

Esta valorização das práticas culturais ancestrais é uma forma de identificação, uma forma nostálgica que tal grupo encontra para se afirmar enquanto italianos, tendo como propósito principal a socialização e também uma forma de serem reconhecidos como possuidores de um patrimônio que seria uma espécie de distintivo de sua singularidade. Neste sentido Joel Candau, afirma que a patrimonialização cumpre um papel essencial para autenticar o discurso do passado compartilhado, autenticação esta, que de certa forma, foi assegurada/adquirida através da criação do Museu da etnia italiana no centro do núcleo rural.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Joel. *Conflicts de Mémoire: pertinence d'une métaphore?* IN: BONNET, Veronique. **Conflicts de Mémoire**. Paris: Khartala, 2004.

CANDAU, Joel. **Antropologia de la memoria**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2006.

CIARCIA, Gaetano. **A suspensão do passado da escravidão no Benin Meridional**. IN: FERREIRA, Maria Letícia M. MICHELON, Francisca Ferreira. *Memória, patrimônio e tradição*. Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. CAPES. Pelotas: Ed. Gráfica Universitária UFPEL, 2010 (pg.73-110).

CONNERTON, Paulo. **Seven types of forgetting**. *Memory Studies*, 2008. Disponível em:

<http://www.history.ucsb.edu/faculty/marcuse/classes/201/articles/08Connerton7TypesForgetting.pdf>, acessado em 22/05/2011.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Políticas da memória e políticas do esquecimento**. Disponível em:

<http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/4500/3477>, acessado em 17/04/2011.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Batalhas no campo da memória e dos museus: disputas sobre o sentido do passado, lutas pelo reconhecimento**. Mesa-redonda no Seminário Internacional "A democratização da memória: a função social dos Museus Iberos-Americanos", MHN, Rio de Janeiro, outubro de 2008.

HOBBSAWN, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

RAMIREZ, Jesus Antonio Machuca. **Patrimonio y retradicionalizacion em la cultura indígena y popular en Mexico**. in: FERREIRA, Maria Letícia M. MICHELON, Francisca Ferreira. *Memória, patrimônio e tradição*. Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. CAPES. Pelotas: Ed. Gráfica Universitária UFPEL, 2010. (pg.17-72)

ROSARIO, Claudia Cerqueira. **O lugar mítico da memória**. *Morpheus - Revista eletrônica em Ciências Humanas*. Ano 1, 2002.